



**PERSPECTIVAS SOBRE A FILOSOFIA
DA LINGUAGEM NA IDADE MEDIA**
A apropriação Latina da herança Grega



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Robert Daibert Júnior – Diretor
Leonardo de Oliveira Carneiro – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Humberto Schubert Coelho – Coordenador do Curso
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Luciana Gaspar Melquíades Duarte – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)
Débora Mariz (UFMG)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)
Fábio Fortes (UFJF)
Germán Martínez (Fordham University, NY)
Gustavo Arja Castañón (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)
Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Luís Henrique Dreher (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Wolfram Högbe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial <i>Pedro Calixto Ferreira Filho</i>	1
Artigos	
Henologie et langage apophantique dans la pensée de Plotin <i>Antônio Henrique Campolina Martins</i> <i>Pedro Calixto Ferreira Filho</i>	8
Sintaxe: de Xenofonte a Agostinho de Hipona <i>Rodrigo Pinto de Brito</i> <i>Fernando Adão de Sá Freitas</i>	25
<i>In speculo mentis</i> - Palavra e pensamento em Agostinho <i>Ricardo Reali Taurisano</i>	45
As aporias das confissões agostinianas <i>Emmanuel Bermon</i>	115
O meneio agostiniano das categorias aristotélicas nas Confissões <i>Cristiane Negreiros Abbud Ayoub</i>	129
Nota sobre o estatuto da dialética e a emergência da vontade em Agostinho <i>Luiz Marcos da Silva Filho</i>	143
Somma Essenza e Categorie: Anselmo e Agostino <i>Maurizio Filippo Di Silva</i>	157
A teoria Anselmiana dos nomes: signo, significado e discurso mental <i>Diego Frago Pereira</i>	171
La translatio semanticae et grammatare chez Alain de Lille <i>Antônio Henrique Campolina Martins</i> <i>Pedro Calixto Ferreira Filho</i>	194

Editorial

PERSPECTIVAS SOBRE A FILOSOFIA DA LINGUAGEM NA IDADE MEDIA: A APROPRIAÇÃO LATINA DA HERANÇA GREGA

APRESENTAÇÃO¹

O número que aqui apresentamos pretende ser uma contribuição para o despertar da consciência de o quanto o pensamento filosófico medieval é rico e fértil no quesito da linguagem. Essa riqueza e fertilidade podem ser constatadas primeiramente no empenho dos filósofos medievais em desvelar o que realmente significa a linguagem enquanto tal, isto é, enquanto faculdade humana essencialmente ligada ao pensar, à expressão e ao mundo que ela exprime. Tal será o tema central do segundo volume deste número especialmente dedicado à filosofia medieval. Nós encontramos essa fertilidade profundamente enraizada no que se refere à busca de uma perfeição linguística, sobretudo quando se trata de fundamentação de todos saberes numa ciência suprema como constatamos nos artigos do terceiro

¹ É com satisfação que apresento ao público a edição do presente volume da Revista *Ética e Filosofia Política* da Universidade Federal de Juiz de Fora cujo tema é *Filosofia da Linguagem no pensamento medieval*. Agradeço ao Prof. Antonio Campolina pelo desafio em me confiar a edição do presente volume. Aos meus amigos e colegas medievalistas, nacionais e internacionais, que não mediram esforços para apresentar generosamente aqui resultados de uma longa e intensa pesquisa na área de Filosofia Medieval vão também meus agradecimentos sinceros. Enfim, agradeço especialmente à Universidade de São Paulo que me acolheu como pesquisador durante esse ano de 2018 e me proporcionou um ambiente e condições intelectuais e humanas sob o olhar sempre amigável e exigente do professor Moacyr Aires NOVAES FILHO.

volume. Com efeito, a intensa busca pelo fundamento radical de todas as coisas que caracteriza esse período do pensamento ocidental conduziu grandes pensadores a levantarem a questão da modalidade mais apropriada de investigação e expressão do Princípio, problematizando, assim, uma questão filosófica essencial, a saber: Quais os limites e possibilidades da linguagem? Enfim, além de informações precisas sobre essas problemáticas, tratadas com generosidade e excelência por especialistas da área, nacionais e internacionais, o leitor encontrará nessa edição a ocasião de refletir sobre o lugar central que deve ocupar a filosofia da linguagem nas ciências humanas e nas ciências em geral.

O primeiro artigo escrito pelos professores A. Campolina e P. Calixto, intitulado “Hénologie et langage dans la pensée de Plotin”, tende a mostrar o quanto o advento do neoplatonismo - que inaugura no Ocidente um movimento intelectual que se instaura a partir de uma nítida fratura para com a filosofia primeira de Aristóteles - constitui não somente uma reviravolta ontológica, mas também um momento crítico para se repensar o discurso apofântico através de suas modalidades fundadoras que são a negação e a afirmação. As questões levantadas no pensamento de Plotino, onde a linguagem tende ao silêncio místico, constituem o ponto de litígio de muitas interrogações sobre a linguagem que percorrem toda a filosofia medieval.

Ainda com intuito de nos revelar as fontes sobre as quais se desenvolve o pensamento medieval sobre a linguagem, os professores Rodrigo Pinto de Brito e Fernando Adão de Sá Freitas nos propõem um texto no qual localizam as ocorrências do vocábulo *sýntaxis*. Trata-se, de fato, de uma minuciosa investigação quanto à genealogia do termo sintaxe, desde usos

remotos até sua problematização filosófica que será o pilar de uma concepção realista-mentalista da linguagem. Esta interpretação das relações sintáticas entre palavras, relações sintáticas entre objetos mentais e relações sintáticas entre objetos no mundo chegaria até Agostinho através de uma possível influência estoica, via gramáticos gregos.

Com mesmo intuito de desvelar as fontes da relação entre palavra e pensamento, o Professor Ricardo Reali Taurisano, em seu generoso e bem documentado artigo intitulado “*In speculo mentis: Palavra e pensamento em Agostinho*”, ilustra perfeitamente a necessidade e atualidade de se estudar o pensamento medieval do ponto de vista da linguagem *stricto sensu*. Ele se propõe investigar a relação entre palavra e pensamento em algumas obras de Agostinho. Seria essa relação de irremediável dissociação onde signos sonoros seriam articulados, enquanto que os silenciosos constituiriam uma espécie de razão universal anterior a toda língua? Demonstrada sua complexidade, a natureza da linguagem não se limita à do signo linguístico, também não a exclui completamente, porque não se encontra de todo dissociada de sua natureza cognitiva. Mas a palavra é essencialmente mediadora. Sua mediação é tal que ela conduz ao silêncio gritante da experiência mística.

Gritante, com efeito, pois “As aporias das confissões agostinianas”, artigo do professor francês Emmanuel Bermon, evidencia o quanto as figuras de linguagem empregadas no prólogo das *Confissões* de Agostinho, tais como paradoxos, oximoros e contradições, rompem com o imperativo do silêncio e abrem novas possibilidades da linguagem concebida agora como expressividade e não como simples enunciação ou índice de algo apreendido anteriormente. A linguagem humana não atinge sua

finalidade senão no fracasso em falar adequadamente do princípio. Malgrado a contradição logicamente insuperável que consiste em falar do inefável, Agostinho, consciente da imensa capacidade da linguagem, interdiz de se calar sobre aquilo que excede toda compreensão. Qual seria, então, a finalidade desse ato de fala?

Em “O meneio agostiniano das categorias aristotélicas nas *Confissões*” a professora Cristiane Negreiros Abbud Ayoub prossegue as intuições anteriores fazendo uma minuciosa investigação sobre a maneira própria de apreciar e, sobretudo, empregar os gêneros generalíssimos da linguagem, que são as categorias aristotélicas, em âmbitos distintos: nas artes liberais, no maniqueísmo e na dialética. Seriam as contradições categóricas da linguagem a proposta de um outro uso da predicação? Como interpretar o fato de que nas *Confissões* as palavras e frases combinam-se e se contrapõem, acusando a limitação de algumas das categorias aristotélicas ao tentarem produzir um discurso anticategórico sobre Deus?

Com efeito, existem rupturas e continuidades quanto ao estatuto da linguagem em seu emprego dialógico já no interior da própria produção filosófica de Agostinho como demonstra o artigo do professor Luiz Marcos da Silva Filho em sua “Nota sobre o estatuto da dialética e a emergência da vontade em Agostinho”. Segundo ele, a supremacia da dialética, bem como das disciplinas liberais nas primeiras obras do autor, parece ser revista em livros posteriores nos quais a exegese bíblica desempenha o papel de ponto de partida da investigação filosófica, com dispensa de um ciclo de estudos liberais como propedêutica. Qual a razão de tal metamorfose? Para responder a tal questão, o autor consagra uma fina análise da noção de vontade

no diálogo de juventude intitulado *A vida feliz* e no livro X das *Confissões*, obra de maturidade. A relação entre essas duas faculdades humanas, vontade e linguagem, não seria determinante na escolha de nossas modalidades de expressão?

A fortuna desses questionamentos sobre a linguagem será de grande relevância durante toda a Idade Média como veremos nos artigos posteriores. Como prova dessa fecundidade o leitor lerá com interesse, na sequência, os artigos dos professores Maurizio Filippo Di Silva e Diego Fragoso Pereira.

Em seu artigo “Somma Essenza e Categorie: Anselmo e Agostino” Maurizio Filippo Di Silva esclarece como as análises sobre as categorias da linguagem de Agostinho presentes nos livros V-VII do *De Trinitate* influenciaram profundamente as reflexões de Anselmo de Aoste em sua obra magna intitulada *Monologion*, a qual tem como escopo o estudo da predicação que teria como objeto a suma essência e a substância. Deve-se ressaltar aqui o quanto a *relação* enquanto categoria do discurso se revela central em reflexões de ambos os autores. Anselmo emprega as análises de Agostinho para delinear a suma substância e, em seguida, para esclarecer as características de um discurso humano relativo ao Princípio que não admite nada de acidental sem perder sua essência principal.

A problematização da relação, seja ela feita em contexto trinitário como aqui ou em outro contexto, exerce uma coerção sobre a maneira de como nós nos expressamos. Essa coerção revela a nosso ver a consciência da filosofia medieval quanto à plasticidade da linguagem. Plasticidade que constitui um elemento central da capacidade humana de falar, a qual está infinitamente aberta a novas possibilidades, a novos jogos de linguagem. Com efeito, o artigo do professor Diego Fragoso

Pereira, intitulado “A teoria anselmiana dos nomes: signo, significado e discurso mental”, contribui com excelência à consciência dessa plasticidade da linguagem no pensamento medieval no que diz respeito não à predicação, mas à *translatio nominis* (transferência dos nomes) intimamente ligada a *translatio rei* (transferência de coisa). Com efeito, se significar é estabelecer o entendimento de algo na mente, é o signo que estabelece um entendimento seja ele linguístico ou não. Porém, será que em todo jogo de linguagem o nome comum e o nome próprio devem estabelecer no entendimento a significação de um indivíduo, o qual consiste numa certa natureza e num conjunto de propriedades que o distinguem dos demais membros da mesma classe (espécie ou gênero)? Seria a *datio nominis* destinada a estabelecer uma significação no entendimento de uma natureza previamente classificada na árvore de Porfírio e nada mais? Qual a diferença entre nome próprio e nome comum? O que Anselmo quer significar quando emprega o nome ‘Deus’? Finalmente, não nos enganemos, essas interrogações de cunho teológico muito têm a nos ensinar sobre o que fazemos quando falamos.

Como vimos no início do presente volume, o fato de que neoplatonismo grego tenha estabelecido um princípio não-ôntico como fundamento radical, rompe para com a superioridade da afirmação sobre a negação quando se trata de discurso apofântico visando o divino. Porém, em razão das teses expressas sobre a transcendência radical do Uno, a henologia se finda sistematicamente com a denúncia de uma inaptidão do discurso a significar a divindade e com uma apologia do silêncio. Houve necessidade no pensamento medieval de estabelecer uma concepção original da linguagem que deu origem à *translatio nominis* e à *translatio categoriae* que vimos anteriormente. Esses

elementos produzem no século XII uma teoria gramatical que podemos qualificar de *translatio semanticae*. É esta questão da *translatio semanticae* que constituirá o objeto de análise da contribuição do artigo dos professores Pedro Calixto e Antonio Campolina, intitulado “La *translatio semanticae* et grammaire chez Alain de Lille”. Com efeito, que podem de fato significar um predicado em ausência de uma proposição e, portanto, fora de contexto? Assim sendo, um estudo da significação enquanto nomes e predicados, demanda uma análise da estrutura sintáctica *in situ*.

Pedro Calixto